

Segunda parte da pesquisa sobre como é vista e sentida a outra vida por cristãos entrevistados num domingo à saída da igreja.

O homem medieval certamente não teria dificuldade para responder a esta pergunta. Utilizaria, é claro, os conceitos, as superstições e crenças dominantes na época. Mas nos descreveria o inferno e o purgatório com uma convicção inabalável.

Entretanto, não é o que acontece hoje. De fato, conversar com nossos entrevistados sobre estas duas realidades foi bastante difícil. Evidentemente, ninguém mais aceita as concepções medievais. Mas parece que, ao se negar a imagem do fogo, deixa-se de acreditar também no purgatório como realidade. Ao se afastar a idéia do diabo com chifres e tridentes, cancela-se também a idéia de inferno.

Talvez seja por isso que a Igreja, ultimamente, sentiu a urgência de confirmar sua posição: «aderindo ao Novo Testamento e à Tradição, acredita que uma pena eterna espera pelo pecador, que será privado da visão de Deus. Acredita também na repercussão de tal pena em todo o seu ser (...). E no que se refere aos eleitos. A Igreja acredita na eventual purificação deles. Esta é preliminar à visão de Deus, mas é completamente diferente da pena dos condenados». E tudo isso é dito com uma certa coragem, sem «ignorar o mal-estar e a inquietação de muitas pessoas perante tais pontos» (1).

Mal-estar e inquietação que aparecem, em parte, também nas respostas às nossas entrevistas. E foi justamente este mal-estar que nos estimulou a refletir sobre um assunto como este, tão difícil de se abordar em nossa época.

O Inferno para você ?



Jesus afugenta os demônios do leito de morte de S. José (pintura de Salvatore Fiume).

Purgatório, uma dimensão perdida?

Muitos dos que haviam expresso alguma crença ou idéia do paraíso encontraram dificuldades em definir o purgatório ou simplesmente não acreditavam em sua existência.

«Não acredito muito no purgatório. Vou mais pelo bem-estar, pelo paraíso, onde existe Deus» (moça, 31 anos). «Eu nunca pensei neste meio-termo» (homem, 54 anos). «Não tenho idéia do que seria o purgatório. A gente ouve falar, mas não acho que exista realmente» (uma jovem, 17 anos).

«O purgatório, para mim, coincide com o próprio momento da morte, que já é em si mesmo purificação e transição» (um jovem, 28 anos). «Como Deus é o ser perfeitíssimo, é impossível que não saiba o que existe realmente no homem ao fim de sua vida. Por isso, não consigo compreender por

que Deus não deve levar a gente imediatamente ou para o paraíso ou para o inferno» (moça, 18 anos).

A idéia corrente de purgatório traduz um “meio-termo” entre paraíso e inferno, ou um período de espera, uma transição dolorosa entre esta vida e a vida feliz no paraíso. Por que muitos não aceitam esta idéia?

Uma razão, talvez, seja o radicalismo, típico dos jovens. Um rapaz, de 17 anos, nos disse: «Estou certo de que o purgatório não existe porque ninguém “pode seguir a dois senhores” e, portanto, ou o bem, ou o mal; e no fim da vida se tiram as conseqüências».

Mas não é só este radicalismo que levou os jovens a responder assim. O problema parece estar também no fato de que muitos jovens “não conseguem compreender” – tal como se declarou, pouco acima, a jovem entrevistada – a realidade do purgatório e, por isso, a refutam. E parece que esta necessidade

de se passar imediatamente ao paraíso seja a projeção de uma idéia que a cultura consumista introjeta em nossa mente: a de que os nossos desejos devem ser satisfeitos “imediatamente”, sem se passar pelo sofrimento.

Na realidade, o consumismo (a busca do bem-estar e da satisfação dos desejos mediante a posse e consumação dos bens) sufoca os valores humanos da esperança, da paciência, valores que são necessários para se construir algo de válido. Com isso abafa-se nos jovens a capacidade de compreender a dimensão que o purgatório representa.

Se esta interpretação é verdadeira, é preciso recuperar a dimensão positiva que o sofrimento tem nesta vida e na outra. É o que muitos de nossos entrevistados confirmam. «O purgatório transmite uma mensagem de esperança. Nunca existiu um povo santo, que mereça o paraíso. Por isso, o purgatório, sendo meio de purificação, nos dá

a esperança de entrar no reino de Deus» (um jovem de 19 anos). «Para mim, o purgatório é a possibilidade que Deus nos dá para completar toda esta nossa incapacidade de realizar aqui o cristianismo, em sentido pleno» (homem, 43 anos). «Na minha opinião, Deus faz a gente passar pelo purgatório porque quer nos preparar para uma felicidade infinita» (homem, 51 anos). «O purgatório será o modo pelo qual poderemos terminar nossa caminhada para Deus» (uma jovem de 18 anos). «Nós nos salvamos porque Deus já nos salvou, mas todos, quem mais, quem menos, precisamos de uma purificação antes de entrar no amor de Deus» (homem, 65 anos).

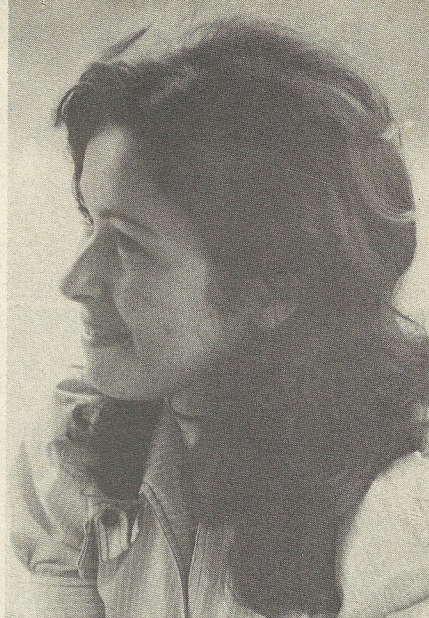
Será que o inferno existe?

Muitos de nossos entrevistados acham que o inferno não existe. Alguns rejeitam a antiga imagem do inferno: «A gente tem a idéia de que o inferno é um lugar cheio de diabinhos, de fogo e de gente ruim. Este lugar, para mim, não existe». (uma jovem de 18 anos). Outros não conseguem aceitar a idéia de vida eterna, nem a de sofrimento eterno. «Eu acho que nós temos nesta vida momentos que significam inferno. São momentos como uma catástrofe, a privação, ou o desespero. Mas penso que o sofrimento eterno, na outra vida, não existe. A gente já sofre tanto nesta vida e será que vai ter que sofrer depois também? O inferno está aqui mesmo na terra. E a gente paga aqui mesmo pelo mal que faz». (moça, 30 anos). «Quando a gente não está numa “boa” - diz uma jovem - nem com a gente, nem com os outros, a vida começa a ser um verdadeiro inferno. Eu não acredito que, para ir ao inferno, seja preciso morrer. O inferno, às vezes, é aqui mesmo. Não acredito na vida eterna após a morte».

A existência eterna - na opinião de várias pessoas - parece um absurdo, principalmente se ela se caracterizar como um sofrimento, um desespero absoluto. Várias pessoas tentaram justificar tal opinião.

Umam alegam que nossos erros não merecem uma condenação eterna: «Não aceito completamente a idéia do inferno; não consigo acreditar que alguém que vive neste mundo, cheio de limitações, seja depois lançado no inferno, sem esperanças, só porque nesta vida cometeu alguns erros» (uma jovem de 18 anos).

Outros dizem que o inferno é incompatível com a bondade de Deus. «Eu me recuso a crer no inferno, porque Deus é bondade absoluta. O inferno



«O Inferno é uma escolha do homem. É uma opção pelo mal que você começa a fazer durante a vida».

existe somente nesta terra, quando a gente não está em paz consigo mesmo» (homem, 39 anos). «Não acredito no inferno porque Deus é misericordioso» (moça, 16 anos).

Estas colocações, que parecem ter uma certa lógica, nos motivaram a buscar a explicação da própria teologia. Entrevistamos, então, um teólogo, José M. Zanghi: «Deus deve ser entendido não segundo “nossos” conceitos, mas em base àquilo que “Ele” nos revela». E explica em seguida o que Deus nos revelou (veja quadro ao lado).

Sua explicação nos levou a refletir, também, por que muitas vezes a mentalidade corrente não aceita coisas tão lógicas. Talvez porque o inferno dá medo... Mas sempre deu! E também por isso o pecado sempre angustiou e perturbou a consciência do homem.

É justamente este ponto - parecem-nos - que a cultura dominante tenta abafar na consciência dos homens. Sua moral tem uma palavra de ordem: libertar o homem da idéia de pecado. Com a proposta de se quebrar velhos tabus, ridiculariza-se também a idéia de pecado. Considera-se o pecado como uma coisa banal. Daí não ter mais sentido um “castigo eterno” para culpas “tão banais”. O inferno não tem mais razão de ser “eterno” e, no final das contas, nem mesmo de simplesmente existir.

O que aquela jovem disse («Não acredito que alguém... seja lançado no inferno só porque cometeu alguns erros») exprime um modo de banalizar o pecado.

De fato, é claro que alguém que vai deixando de se incomodar com a existência do pecado - tanto o pecado pessoal, quanto o social - não queira se incomodar também com a idéia de cas-

tigo ao pecado.

Entretanto, a própria idéia do inferno como castigo talvez tenha que ser reconsiderada. «Não acredito - nos disse um jovem de 19 anos - que exista o inferno, isto é, que exista como castigo. Sempre me disseram que é um castigo imposto pelo Pai eterno. Mas eu acredito que Deus, ao contrário, nos julga com amor». E é verdade que muito freqüentemente se falou de modo inadequado do inferno, como «o castigo que Deus dá ao pecador». Deixou-se de enquadrá-lo na perspectiva do infinito amor e misericórdia de Deus - que se exprime em Cristo que morre na Cruz. Nesta perspectiva, como diz José M. Zanghi, «não é Deus que se ausenta do inferno, mas é o inferno que recusa a Deus».

Somos nós quem decidimos

Embora a maioria de nossos entrevistados negam ou vacilam em afirmar a existência do inferno, houve muitos que disseram acreditar no inferno. «O inferno existe, sem dúvida... Basta ver como existem pessoas que são capazes de torturar um outro homem, com perversidade e constância. É impossível que para estes - e espero que sejam poucos - não exista o inferno após a morte» (homem, 51 anos). «O inferno existe, porque Deus falou a respeito várias vezes. Talvez não seja feito realmente de fogo... Ele representa, a meu ver, a situação terrível de quem perdeu a Deus para sempre. Mas não acho que, pelo fato de ser terrível, a gente possa negar a existência do inferno e dizer que existe só o paraíso. Não é justo que todos aqueles que fizeram o mal, que desprezaram a Deus e o recusaram definitivamente, sejam considerados da mesma forma que os outros. Estou falando de quem sofre, de quem é perseguido por procurar a justiça, de quem é construtor da paz, manso, pobre, etc.» (mulher, 40 anos). «O inferno é uma escolha do homem. É a opção pelo mal que você começa a fazer durante a vida. Aqui, porém, você tem sempre a possibilidade de mudar de rumo. Mas quando você morre, sem ter se convertido, você se encontra no além ainda no mal» (moça, 19 anos). «Eu acho que não é Deus quem dá o inferno. É o próprio homem, quando decide não amar, nem a Deus, nem ao próximo. Então, cria-se um estado de desespero, de ausência de Deus, dentro e fora de si. É um estado que pode continuar durante toda a vida, se não se converter, e em

(continua na pág. 16)

O que é o inferno...

seguida fora do tempo, numa vida sem fim, eterna» (jovem, 26 anos).

Se muitos jovens insistem em dizer que não é Deus quem dá o inferno, mas que é o homem quem decide, para muitos adultos, ao contrário, o inferno é o “castigo merecido”, a “condenação justa”, em uma palavra, a “manifestação da justiça de Deus”. Talvez isto seja porque os adultos, principalmente os anciãos, sentem mais a gravidade de certos atos contra o homem (muitos se referiram a atos de violência quotidiana e alguém se referiu à tortura que recebeu na prisão).

Os jovens, por outro lado, descobrem um aspecto fundamental: a própria responsabilidade diante de Deus. E se acham mais envolvidos pessoalmente neste relacionamento de liberdade e responsabilidade que se estabelece com Deus. «Quando não estou vivendo no amor, sinto que posso estar no inferno desde já. Porque Deus me ama de modo infinito, mas me deixa livre inclusive de não amá-lo. Muitas vezes, quando não estou disposto a amar, até gostaria de que Deus me forçasse a amar. Mas ele me deixa livre. Por amor. Deste modo, sou sempre eu quem decide. Por isso, acho que somos nós que optamos entre o inferno e o paraíso» (um jovem de 22 anos).

Somos nós que optamos... No artigo anterior sobre o paraíso, tínhamos concluído que podemos começar aqui nesta terra a construí-lo para continuar depois na outra vida. A mesma coisa se pode dizer a respeito do inferno. Estas duas realidades são preparadas aqui na terra. Só que trabalhar por “céus novos e terras novas” significa atuar, sofrer, empenhar-se “em favor” do homem. E, ao contrário, a escolha pelo mal significa construir realidades “contra” o homem, como a guerra, a injustiça, o ódio, a tortura, a fome, o egoísmo, a violência, a desunidade, a que se referiram nossos entrevistados quando tentavam explicar o inferno.

Trata-se, portanto, de um fato muito concreto do dia-a-dia: «somos nós a decidir», a cada dia, se vivemos pelo paraíso ou pelo inferno.

Se desta pesquisa, sem dúvida muito limitada, ficasse em nossa mente apenas esta idéia, já seria uma grande coisa.

Rosana Cantelmi e Reinaldo Fleuri

NOTA: (1) cfr. Carta da Congregação da doutrina da Fé, publicada em 15 de julho de 1979.